

# MUSEU DE ARTE DO RIO E MUSEU DO AMANHÃ: DUAS FERRAMENTAS À PARADIPLOMACIA CULTURAL DO RIO DE JANEIRO

Leonardo Mèrcher

lmercher@uol.com.br

Universidade Federal do Paraná - UFPR

ISSN 2316-6479

## Resumo

O presente artigo traz o processo de instrumentalização da paradiplomacia cultural da cidade do Rio de Janeiro através da criação de um complexo cultural por dois novos museus em sua região central. Partindo da relação entre poder público e estética urbana, princípio base da criação de uma identidade cultural oficializada, o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã são investigados como aparelhos à identidade internacional que assim se legitimam à comunidade local. De acordo com a presente pesquisa mostrou-se que a identidade internacional deteve maior relevância na implementação do Museu de Arte do Rio e do Museu do Amanhã. A pesquisa é de caráter qualitativo e foi-lhe empregada uma análise de conteúdo das iniciativas público-privadas na implementação desses dois novos museus e alcançando o espaço das relações internacionais. Limita-se a análise documental aos anos de 2010 a 2013.

**Palavras-chave:** Museu. Rio de Janeiro. Identidade Cultural. Paradiplomacia.

## Abstract

This paper presents the process of commodification of cultural paradiplomacy from Rio de Janeiro through the creation of a cultural complex by two new museums in its central region. Based on the relationship between government and urban aesthetics, basic principle of creating an official cultural identity, the Museu de Arte do Rio and the Museu do Amanhã are investigated as devices to international identity which thus legitimize the local community. According to this research it showed that the most relevant international identity halted the implementation of Museu de Arte do Rio e Museu do Amanhã. The research is qualitative and has been employed by a constructivist content analysis of public-private initiatives in the implementation of these two new museums in addition to the traditional cultural roles as reaching the space of international relations. It merely analyzes documents from 2010 to 2013.

**Keywords:** Museum. Rio de Janeiro. Cultural Identity. Paradiplomacy.

## Introdução

A relação entre o poder público e a estética urbana desenvolveu-se de forma paralela na construção das cidades. A determinação de prédios públicos, bem como de aparelhos comuns financiados pelo capital público ainda é uma realidade constante na vida urbana do cidadão. O poder de gestão de prefeituras e municípios, bem como suas parcerias com outras esferas do poder político, das esferas civis e do capital privado também não pode ser compreendido como algo

da contemporaneidade. Entretanto, dada necessidade por maior participação e reconhecimento nas relações internacionais, diversas cidades buscam construir identidades que permitissem relacionar-se diretamente com atores especializados e participar na elaboração de novas agendas globais.

Dos diversos setores em que uma cidade pode atuar internacionalmente destaca-se aqui o cultural, sobretudo por serem as cidades sul-americanas bem posicionadas na lista de experiência cultural das cidades globais<sup>1</sup>. A cidade do Rio de Janeiro, como a cidades mais bem posicionada da América do Sul ao nível de experiência cultural (Foreign Policy, 2008), possui uma paradiplomacia cultural<sup>2</sup> intensa, ou seja, investe em eventos culturais de cunho internacional, bem como recebe circuitos internacionais de artes e exposições. Dentro desse cenário, a manutenção e a criação de espaços como os museus se tornam fundamentais para um melhor reconhecimento internacional.

Todavia, não basta apenas a sua criação, como por tombamentos de prédios já existentes pelo patrimônio histórico, é preciso ter forma e conteúdo que possam atrair os olhares internacionais e sejam capazes de mesclar na composição da identidade internacional. A identidade internacional aqui trabalhada nada mais seria do que o envolvimento da cidade com as agendas internacionais. Ou seja, se Curitiba busca participar das diversas agendas internacionais relacionadas à sustentabilidade, essa passa a ser identificada como um ator internacional cuja identidade aproxima-se das causas ambientais. Caberia aos gestores públicos unir a essa percepção de identidade os traços e recursos locais para que a cidade ganhasse autonomia e uma imagem própria.

## Rio de Janeiro e Identidade Internacional

No caso do Rio de Janeiro, sua participação em agendas culturais internacionais, como das Mercocidades ou da Comissão de Cultura da Cidades e Governos Locais Unidos, fortalece uma identidade de um ator cultural dentro das relações internacionais, bem como a valorização de símbolos artísticos, como monumentos arquitetônicos, a tornam um ator de fácil reconhecimento pela co-

---

1 As cidades sul-americanas presentes na lista da Foreign Policy (2008) em experiência cultural foram respectivamente: Rio de Janeiro (22°); Buenos Aires (25°); São Paulo (27°); Bogotá (45°); e Caracas (55°). Os critérios utilizados pela Foreign Policy (2008, p. 73), ao buscar identificar cidades globais com intensa dinâmica cultural, junto ao cenário urbano global, foram: sediar grandes eventos esportivos; bom número de viagens internacionais; ampla oferta culinária; número de museus e exposições visitadas; e a realização de performances de arte, como desfiles de moda e festivais de cinema.

2 Paradiplomacia cultural é a diplomacia cultural exercida por uma cidade ou outro ente subnacional de forma paralela ao seu governo central, ou seja, ao governo nacional. O caso do Rio de Janeiro suas atividades culturais que se voltam ao internacional, como em parcerias transnacionais, passa a existir ausência na formulação de suas agendas por parte do governo federal brasileiro. Ainda que o governo central possa contribuir com o resultado final, não lhe é permitido orientar as práticas culturais de seus entes, prevalecendo o princípio da subsidiariedade (MERCER; SARAIVA, 2012).

munidade internacional. A cidade do Rio de Janeiro possui um alto grau de reconhecimento, visto na lista das cidades globais, por ter diversidade culinária, trânsito internacional de pessoas e sediar grandes eventos, como os esportivos. Todavia, no referente aos museus e acervos, o Rio permanece com um déficit se comparado a outras cidades na mesma lista.

Enquanto que Paris possui sua identidade internacional cultural também relacionada aos seus museus e acervos, a cidade do Rio de Janeiro, ainda que possua um importante acervo em sua Biblioteca Nacional e no Museu Nacional de Belas Artes, mostra-se carente de maiores espaços para receber os principais circuitos internacionais de artes e expor a própria produção regional. Dentro desse cenário, desde a década de 1990, os gestores municipais buscaram projetos de implementação de novos museus que atendessem a essa demanda de espaço, forma e conteúdo. A assinatura de projetos por arquitetos internacionalmente reconhecidos também mostrou-se presente.

Desde as propostas de construir museus como o Guggenheim – que não obteve financiamento e foi cancelado – até a efetivação do projeto Museu do Amanhã pelo arquiteto Santiago Calatrava, o poder público demonstrou sua necessidade de ter uma obra maior, onde a forma, além do conteúdo, contribuíssem para o fortalecimento da paradiplomacia cultural da cidade e, conseqüentemente, sua identidade internacional. A ideia de cartão-postal ao público internacional, referente ao mobiliário público, teve seus altos e baixos na história da cidade. Se até meados do Estado Novo os cartões postais da cidade representavam monumentos e edificações de sua área central, após a década de 1930 as praias e o carnaval passam a ocupar seus espaços. A arquitetura é substituída pelo estilo de vida e manifestações culturais não-materiais.

Os cartões-postais cariocas raramente enfocam edificações arquitetônicas. As retratações turísticas do Rio de Janeiro reproduzem, sobretudo, os clichês de praias repletas de corpos tostado-se ao sol, a baía da Guanabara ao amanhecer ou ao pôr-do-sol, os morros verdejantes e, finalmente, as mulatas exuberantes em fantasia de carnaval. Mesmo os postais da escultura do Cristo fincado no topo do Corcovado amenizam sua simbologia sagrada e cultural através do espetáculo da vista panorâmica. Entretanto, nos inícios do século XX, os cartões-postais que os turistas nacionais buscavam do Rio de Janeiro eram, segundo Gilberto Freyre, aqueles que ilustravam os progressos da capital. Bondes, monumentos, instalações técnicas, eram prenhes da simbologia de modernização de um Brasil pouco explorado. Como ex-capital, o Rio de Janeiro já não simbolizava as urgências do progresso que o caracterizaram aos olhos provincianos do início do século (JAGUARIBE, 1998, p.119).

Após a capital federal ter sido transferida para Brasília, a cidade do Rio de Janeiro teve que encontrar uma nova identidade local e reconfigurar a imagem

que havia sido construída internacionalmente. Após um longo declínio de sua malha urbana na região central nas décadas de 1960, 1970 e 1980, os gestores políticos passaram a implementar planos de recuperação de perímetros culturais distintos, como a região da Lapa, da Praça XV e, mais recentemente a Zona Portuária. Na segunda metade do século XX, com a malha urbana já refém da “glorificação do automóvel [...] ampliou-se a rejeição ao centro desprovido dessa nova necessidade moderna” (JAGUARIBE, 1998, p.139). Os planejamentos modernistas valorizavam uma estética que não encontrava espaço no Rio antigo.

A perda política da capital e a imagem midiática da Zona Sul, representada nos filmes e nas novelas de alcance nacional, trouxe uma alteração no se pensar a imagem local do Rio de Janeiro e, em um determinado momento, a imagem midiática internacional. Com a nova imagem que se tentava construir sobre o ser carioca, ligado à Bossa Nova, e a cidade praiana, junto ao turismo da Zona Sul, restou ao centro o descaso. Iniciou-se, nos anos 1960 e 1970, uma série de obras que cortaram a região por vias, como a Perimetral, que atualmente encontra-se acima da Praça Mauá e seu novo complexo de museus em construção.

**Quadro I: Cidade do Rio de Janeiro – Síntese histórica das transformações espaciais nas áreas Centrais. Fonte: VAZ, 2006, p.69-70.**

PERÍODO	INTERVENÇÃO / PROJETO	OBJETIVO ENUNCIADO	CONSEQUÊNCIA
1950/1960	Construção da Av. Perimetral; extensão da Av. Perimetral.	Obra viária.	Rompimento da relação do centro com o mar.
1960	Renovação do Estácio e do Catumbi; destruição do casario da Lapa.	Obras viárias - acessos ao túnel S. Bárbara.	Arrasamento dos bairros do Estácio e Catumbi; expulsão da moradia.
1970	Construção do metrô. Dec. N. 322/76 proíbe uso residencial na ACN; destruição do casario da Lapa.	Transporte de massa; ordenação do espaço urbano.	Destruição do tecido urbano histórico; formação de vazios; expulsão da moradia.
1980	Expansão do metrô.	Transporte de massa.	Destruição do tecido urbano histórico; formação de vazios; expulsão da moradia (Dec. N. 322/76).
	Projeto Corredor Cultural; reforma de equipamentos culturais.	Preservação da arquitetura e do ambiente cultural; incentivo à atividade comercial/cultural.	Manutenção do patrimônio edificado; expulsão da moradia (Dec. N. 322/76).
1990	Projetos: Rio Cidade; de habitação e cultura; Quadra da Cultura da Lapa; Lei de Uso Residencial/1994.	Requalificação e revitalização; retomada da centralidade; retorno da moradia.	Ocupação de vazios; retomada da relação do centro com o mar e de atividades culturais.
2000	Projetos: Distrito Cultural da Lapa; Revitalização da Praça Tiradentes, Área Portuária. Intervenções: Rua do Lavradio; Programa Novas Alternativas.	Retomada da centralidade; revitalização da área central.	Retomada de atividades culturais; retorno pontual da moradia.

Essas obras, desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970, hoje são repensadas e muitas, como no próprio caso da Perimetral, estão sendo desfeitas por não se enquadrarem nas novas ideias de imagem que se deve ser passada pela cidade segundo o poder público. O período de revitalização e do repensar o espaço urbano da região central ocorre no final dos anos 1980 e tem uma aceleração no início dos anos 2000, sobretudo pelas novas estruturas de gestão pública (redemocratização) e o maior engajamento com as dinâmicas internacionais. A cidade do Rio de Janeiro coloca-se, então, em constante preocupação com a identidade internacional, bem como com a captação de capital estrangeiro ao seu desenvolvimento.

Dentro desse novo cenário de revitalização da região central e sua malha urbana como patrimônio cultural, inicia-se a implementação do projeto Porto Maravilha que, dentre seus aparelhos culturais, encontra-se o complexo da Praça Mauá, sediando dois museus de natureza distinta, mas que ilustra claramente essa relação entre o local e o internacional. Após diversos períodos de gestão municipal, na década de 2000, diversas iniciativas arquitetônicas são feitas para abrigar espaços culturais, ao mesmo tempo em que desempenhariam um papel de símbolo local e, em alguns casos, internacional. Tanto na construção da Cidade da Música (Atualmente Cidade das Artes) na zona oeste da cidade para abrigar espetáculos e ensino de artes, bem como do novo Museu da Imagem e do Som na praia de Copacabana o esforço de utilizar arquitetos renomados internacionalmente para valorizar a forma, bem como oferecer um espaço eficiente ao circuito internacional das artes passam a se repetir no complexo da Praça Mauá.

A importância cultural internacional da cidade do Rio de Janeiro passa a consolidar uma preocupação comum a todas as cidades globais: a manutenção de suas identidades internacionais de forma positiva e contemporânea às novas dinâmicas das artes e demais manifestações populares. Eventos como os encontros internacionais de mídia, promovidos pela empresa municipal MultiRio (Empresa Municipal de Mídia), o Pan-Americano em 2007, os Jogos Mundiais Militares em 2011, e as futuras Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos de Verão, em 2016, trazem fluxos de investimentos e empreendimentos que, sob novas propostas do poder político, passam a revigorar a malha urbana da cidade no início da década de 2000.

Esse cenário permitiu com que os gestores públicos pudessem planejar parcerias e investimentos em benefício da sociedade local e também da identidade internacional. Ao conseguir sediar eventos com visibilidade internacional, que coloca em jogo, não só a imagem da cidade, mas também a do país, as três esferas do poder público se veem em uma situação onde a cooperação se faz

necessária para manter e ampliar uma imagem cultural internacional positiva. Através da Lei Federal nº 11.079 de 30 de dezembro de 2004 as iniciativas entre poder público e a sociedade civil passam a se complementar legalmente, permitindo a cooperação entre o capital público e o privado.

As parcerias público-privadas viabilizaram a materialização de planos culturais mais complexos e custosos, como a implementação dos dois museus aqui analisados. Ao não depender apenas dos recursos federais para grandes projetos, o governo local pode ter maior autonomia na definição de suas agendas culturais, sobretudo referente ao espaço urbano e seus novos aparelhos. A comunicação entre o Estado (ator ativo) e a sociedade (ator reativo), pela construção de uma identidade cultural oficial, dá-se através da estética urbana e essa mudança legal trouxe consigo uma nova dinâmica para a cidade do Rio de Janeiro. As iniciativas mistas (cooperação entre o capital público e o privado) possibilitaram a criação do Museu do Amanhã e do Museu de Arte do Rio, ambos resultados da parceria entre o poder público com a Fundação Roberto Marinho e a Concessionária Porto Novo – de capitais privados.

Ambos os museus, no próprio discurso do poder público local não seriam apenas ferramenta urbana à cultura da sociedade local, mas também seriam novos marcos à contemporização da identidade cultural internacional da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que haja uma cooperação mista de capitais, essas iniciativas ainda se mostram orientadas pelo poder político, sobretudo referente à forma e ao espaço dos dois aparelhos. Já o conteúdo, ou seja, o material a ser exposto ao público possui uma orientação temática do poder público, mas não sua gestão que passa a ser de responsabilidade da Fundação Roberto Marinho. O entorno dos dois aparelhos também passa a ter manutenção compartilhada entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Concessionária Porto Novo.

### **Museu de Arte do Rio e Museu do Amanhã**

Fazendo parte do maior projeto de revitalização da cidade atualmente, ambos os museus encontram-se na zona portuária, denominado projeto Porto Maravilha (2011-2016). Após décadas de abandono e esvaziamento da região, o poder público voltou-se para a região seguindo uma corrente de capitalização do espaço que, torna-se cada vez mais comum na administração das cidades. A atuação, que antes teria sido apenas pela cooperação entre as esferas do poder público, conta agora com as iniciativas privadas. Essa mudança, que se tornou legal nacionalmente na década de 2000, ampliou as possibilidades de intervenções urbanas por parcerias, assim como uma ampliação dos interesses envolvidos, advindas de vários segmentos da sociedade.

Ancorado no Museu de Arte do Rio (MAR, inaugurado em março de 2013) e no Museu do Amanhã, o projeto Porto Maravilha expõe não só a cooperação de interesses público e privado nas intervenções, como também demonstram preocupações sobre o impacto na sociedade local e na comunidade internacional referente à paradiplomacia da cidade. Segundo informação sobre a natureza do MAR em sua página virtual oficial (Museu de Arte do Rio, 2013):

O Museu de Arte do Rio promove uma leitura transversal da história da cidade, seu tecido social, sua vida simbólica, conflitos, contradições, desafios e expectativas sociais. Suas exposições unem dimensões históricas e contemporâneas da arte por meio de mostras de longa e curta duração, de âmbito nacional e internacional. O MAR está instalado na Praça Mauá, em dois prédios de perfis heterogêneos e interligados: o Palacete Dom João VI, tombado e eclético, e o edifício vizinho, de estilo modernista – originalmente um terminal rodoviário. O Palacete abriga as salas de exposição do museu. [...] Como recomenda a UNESCO, o MAR tem atividades que envolvem coleta, registro, pesquisa, preservação e devolução à comunidade de bens culturais – sob a forma de exposições, catálogos, programas em multimeios e educacionais.

No caso do MAR, as intervenções pós-modernistas ganham destaque na junção de três prédios distintos (Palacete Dom João VI de 1916, o Hospital da Polícia Civil – de caráter modernista – e a antiga Rodoviária Mariano Procópio) para a construção de um único complexo. No caso do MAR a forma e o espaço já existiam com outras funções públicas, adaptando-se os antigos aparelhos às necessidades da agenda municipal. Já o seu conteúdo pode ser entendido como acervo permanente e temporário que, de uma forma geral, relaciona-se com a identidade da cidade. O acervo, apesar da diversidade, torna-se uma narrativa da história da cidade através das artes visuais, o que pode parecer uma oferta que priorize ao público local.

Todavia, por ser uma cidade global, toda informação de sua natureza torna-se de interesse ao internacional e assim tratou-se o seu conteúdo. A estrutura para que essa narrativa seja absorvida tanto pelo público local como pelo internacional pode ser vista nos materiais bilíngues e outros símbolos internacionais de informação e uso. Ao demonstrar em seu discurso a implementação das orientações da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), a cidade reforça suas responsabilidades assumidas diante da Agenda 21 para Cultura da Comissão de Cultura das Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU - Organização Internacional das Cidades fundada em 2004).

A preocupação em relacionar a interação da comunidade local com as normativas internacionais reforça a percepção da presente pesquisa. Portanto, a cidade do Rio de Janeiro implementa um aparelho cultural urbano – MAR – tanto

para atender aos interesses locais, como responder às demandas internacionais assumidas em sua paradiplomacia cultural. Todavia, o MAR não pode ser visto de forma isolada e sim como parte importante de um plano maior: o complexo da Praça Mauá. Junto ao MAR ocorre a revitalização da Praça Mauá, bem como a construção do Museu do Amanhã em seu píer. Separados por menos de 200 metros, os dois museus podem ser analisados como uma obra urbana cultural composta.

O Museu do Amanhã, no antigo Píer Mauá, surge como uma construção nova que irá contrastar com a centenária Praça Mauá, seu novo complexo do MAR, o edifício A Noite – também em reformas – e com o atracadouro dos transatlânticos que chegam à cidade. De seu posicionamento, ao lado do desembarque dos turistas navais, suas dimensões – cobrindo todo o píer –, e a escolha do arquiteto Santiago Calatrava para sua realização, colocam essa intervenção mais próxima de objetivos relacionados à imagem internacional da cidade. A tentativa de construir um possível cartão postal para a região, como o Museu de Arte Contemporânea em Niterói, também poderia ser levantada. Mas, sobretudo, essa intervenção objetiva marcar o espaço com um novo símbolo da atuação política atual, que guardará em si um momento do poder político vigente.

O Museu do Amanhã, diferentemente do MAR, não possuía uma forma, espaço ou conteúdo prévios. Todo o conjunto da obra deve ser construído através das parcerias público-privadas. Essa situação torna-se importante para a presente pesquisa por ter o poder público maior liberdade em construir um novo monumento para a cidade que exalte sua contemporização cultural ao cenário internacional. Como visto, se a cidade não conseguiu por em prática diversos outros projetos anteriores – como o museu Guggenheim – o Museu do Amanhã passa a atender essa demanda da agenda política. Após as mudanças estruturais já levantadas (Lei Federal nº 11.079 de 30 de dezembro de 2004, os grandes eventos populares e a democratização da representação política), a cidade ganha mais um novo ícone para a identidade local e a internacional.

O espaço, anteriormente um píer desativado, passa a abrigar uma forma pós-moderna, orgânica e sustentável assinada pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava. A assinatura do projeto por um arquiteto reconhecido não define um novo ícone à identidade local, mas contribui para a percepção de interação com as dinâmicas culturais internacionais. A abertura ao pensamento artístico de outras realidades culturais e sua materialização na arquitetura permite a percepção de que há uma abertura cultural e que a cidade torna-se mais um dos palcos das relações internacionais, receptiva ao externo. Já o conteúdo, segundo documento oficial do projeto (Museu do Amanhã, 2013) terá uma narrativa voltada não apenas para a sociedade local, como pode parecer o MAR,



mas à humanidade na perspectiva de uma sociedade civil global responsável pelo futuro comum:

O Museu do Amanhã será um ambiente de experiências que permitirá ao visitante fazer escolhas pessoais, vislumbrar possibilidades de futuro, perceber como será a sua vida e a do planeta nos próximos 50 anos. O espaço vai explorar variedades do amanhã nos campos da matéria, da vida e do pensamento, além de debater questões como mudanças climáticas, crescimento e longevidade populacionais, integração global, aumento da diversidade de artefatos e diminuição da diversidade da natureza. Será um museu para que o homem possa trilhar o caminho do imaginário e realizar, de forma mais consciente e ética, suas escolhas para o futuro.

Portanto, pode-se dizer que ambos os aparelhos urbanos culturais voltam-se para a preocupação à identidade internacional pela cidade do Rio de Janeiro. Ainda que esteja em um espaço local e sendo gerido por capital público e capital privado de interesses locais, as obras transpassam em seus discursos de conteúdo e, no caso do Museu do Amanhã, de forma as fronteiras da cidade. O direcionamento volta-se diretamente ao cenário internacional e busca inserir a sociedade local nessa realidade, despertando tanto sua percepção ao externo e ao bem comum de uma sociedade civil global, como trazendo para si maior contato com as culturas externas visitantes.

### **Considerações Finais**

O presente artigo trouxe o processo de instrumentalização da paradiplomacia cultural da cidade do Rio de Janeiro através da criação de um complexo cultural sediado na Praça Mauá, sua região portuária. Dentro desse complexo de revitalização e recuperação sociocultural implementa-se dois museus: o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã. Ainda que ambos possam ser analisados de forma separada, uma análise de seu conjunto permite defender que suas implementações não buscam atender apenas aos interesses locais, mas também aos internacionais presentes na paradiplomacia cultural da cidade.

Segundo discursos oficiais presentes em seus projetos e nos capitais envolvidos – público e privado – os novos espaços, as suas formas e seus conteúdos voltam-se às responsabilidades assumidas pela cidade do Rio de Janeiro com as agendas culturais internacionais, como no caso da Agenda 21 para Cultura da CGLU, ao qual a cidade é signatária, em parceria com a UNESCO. O desenvolvimento da cultura torna-se, portanto, mais uma possibilidade de inserção internacional da cidade. Para tanto é preciso compreender que os dois museus

contribuem com a contemporização da identidade cultural internacional e seus circuitos de artes e ciência.

Partindo da relação entre poder público e estética urbana, princípio base da criação de uma identidade cultural oficializada, o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã, aqui investigados como aparelhos à identidade internacional, justificam-se em implementação à comunidade local por seus conteúdos, mas orientam-se em obra final às demandas internacionais. A manutenção do posicionamento da cidade do Rio de Janeiro como uma cidade global exigiu, durante os anos analisados, 2010 a 2013, o repensar sobre seu mobiliário urbano. Tanto o Museu de Arte do Rio como o Museu do Amanhã passam, então, a contribuir à imagem internacional de uma cidade engajada no desenvolvimento da diplomacia cultural na região.

### Referências Bibliográficas

FOREIGN POLICY. *The 2008 Global Cities Index*. Washington: Foreign Policy of Washington Post Company, pp. 68-76 nov./dez. 2008.

JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de Século: Cidade e Cultura no rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VAZ, Lilian & SILVEIRA, Carmem. *A Lapa boêmia na cidade do Rio de Janeiro: um processo de regeneração cultural? Projetos, intervenções e dinâmicas do lugar* In. SOUZA, Célia & PESAVENTO, Sandra. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto alegre: UFRGS, 1997.

### Documentos eletrônicos

MERCHER, Leonardo. SARAIVA, Ariane. *O princípio da subsidiariedade no MERCOSUL: o papel da cooperação descentralizada a nível cultural*. Congresso de Cultura e Educação para Integração da América Latina: semeando novos rumos. Curitiba: CASLA, 2012, n.119, pp. 01-22. Disponível em <[http://cepial.org.br/inc/anais/eixo1/119\\_Ariane Saraiva.pdf](http://cepial.org.br/inc/anais/eixo1/119_Ariane Saraiva.pdf)>. Acesso em 02/04/13.

MUSEU DE ARTE DO RIO. Disponível em <<http://www.museudeartedorio.org.br>>. Acesso em 02/04/2013.

MUSEU DO AMANHÃ. Disponível em <<http://portomaravilha.com.br/web/esq/projEspMusAmanha.aspx>>. Acesso em 02/04/13.

## Minicurrículo

Leonardo Mèrcher é Mestre em Ciência Política (2011-2013) pela UFPR. Graduado em Relações Internacionais e em Educação Artística, possui Lato Sensu em Comunicação, Cultura e Artes, História Social da Arte e em Relações Internacionais Contemporâneas. Atualmente é Editor Executivo da Conjuntura Global (UFPR).

ISSN 2316-6479